

Classes C e D da população ainda resistem aos bancos

O preconceito aos serviços oferecidos pelas instituições bancárias ainda é o maior entrave para a aproximação das classes C e D

Pollyana Rocha
Especial para o Dia-a-Dia

Marco Vilarinho
Editor

Os bancos ainda são vistos por grande parte da população brasileira como vilões especuladores. Esta parcela significativa da população é referente à classe média emergente, que representa mais da metade da população do país, ou cerca de 100 milhões de pessoas, de acordo com a Fundação Getúlio Vargas.

Toda essa gente ainda não foi devidamente “descoberta” pelo setor bancário brasileiro. Não que não

seja de interesse dos bancos servir a essa parcela, mas ela carrega alguns preconceitos sobre os serviços ofertados pelo sistema.

A FGV diz que é classificada como classe C a família que tem renda total entre R\$ 1,1 mil e R\$ 4,8 mil por mês. Estudos relatam, no entanto, que a maior parte dessa nova classe média é composta por famílias que recebem entre R\$ 1 mil e R\$ 2 mil por mês. E é neste núcleo que se percebe traços de desconfiança com o setor bancário. É o caso de Eliane Rosa Santiago, autônoma, cuja renda mensal da família não chega a mil re-

ais. Eliane vai a uma agência da Caixa Econômica apenas uma vez ao mês para sacar a aposentadoria de seu pai, que não sabe lidar com portas giratórias e caixas de autoatendimento.

Questionada sobre os serviços que os bancos oferecem, Eliane diz que tem poucas informações sobre o assunto, mas sabe que estes extrapolam os juros e as cobranças de tarifa. “Eu não tenho vontade de fazer uma conta para mim. Se eu precisar, uso a do meu pai porque já tive uma e vi que o banco tira dinheiro do usuário”, declara.

Pesquisa confirma que muitos não acreditam na "ajuda" de bancos

Como a autônoma Eliane Santiago, milhares de pessoas no Brasil têm resistência ao relacionamento com bancos. Uma pesquisa da agência McCann Erickson, com 2 mil pessoas, mostrou que 35% dos entrevistados não compram mais produtos bancários porque acreditam que as instituições querem "roubar mais do que ajudar".

O excesso de burocracia e de pedidos de comprovação de renda responde pelo afastamento dessa população das agências bancárias. Na pes-

quisa da McCann Erickson, 91% dos entrevistados disseram considerar os bancos burocráticos e cerca de 80% disseram que não querem maior relação com o setor porque "ganham pouco" ou "não têm salário fixo".

Esse distanciamento leva, segundo pesquisas, a um uso muito precário do sistema bancário por essa população. É comum, como mostra o levantamento da McCann Erickson, que essas pessoas usem a conta-corrente apenas para sacar o salário no início do mês e

guardem o cartão de crédito que fizeram na gaveta. É o que acontece com a costureira Luzia do Nascimento Silva, que entende muito pouco sobre movimentações financeiras e, por isso, pediu ao filho de 21 anos que abrisse uma conta apenas para sacar o dinheiro que é depositado, mensalmente, pelo marido que está trabalhando em Goiânia - GO. "Eu nem sei direito como funciona uma conta, por isso não tenho vontade de ter uma. Até hoje não foi necessário", ignora.



Luzia do Nascimento: "Eu nem sei direito como funciona uma conta"

Inadimplência é altíssima entre classes emergentes

A falta de informação entre os integrantes das classes C e D é o que preserva a resistência que esta população tem com os bancos. Por outro lado, quando existe o contato com os serviços bancários, a exemplo do cartão de crédito, estas pessoas muitas vezes não conseguem honrar com os compromissos.

Ivonei Dias Pereira, gerente regional de Pessoa Física da Caixa Econômica Federal, diz que um número altíssimo de pessoas da classe emergente que utiliza contas correntes ou mesmo cartões de créditos fica endividado, por não conseguir manter o limite cedido pelo banco. Nessas circunstâncias, Ivonei afirma o nome do

cliente é registrado no SPC, mas ele pode pagar suas dívidas e renovar seu relacionamento com o banco.

Isso acontece pela democratização dos bancos, ou bancarização, ou seja, em qualquer lugar do país é possível abrir uma conta bancária. A cobertura da Caixa Econômica no estado, por exemplo, é de quase 100%. Ivonei

explica que qualquer pessoa que tenha uma renda (nem precisa ter carteira de trabalho assinada) pode ter uma conta corrente.

E mais, os bancos, inclusive a Caixa, têm a opção de conta corrente destinada à

população de baixa renda. Neste caso, basta apresentar carteira de identidade, CPF e comprovante de residência ou declaração de endereço de próprio punho.

Ivonei reitera que há ainda um consenso errôneo en-

tre as classes emergentes, que acreditam que os bancos exploram na cobrança de tarifas. Mas, segundo ele, o pagamento de tarifas serve para a manutenção dos serviços oferecidos. **(PR)**

Continua na página 3